

12° PROJETER
REEXISTIR NO MUNDO CONTEMPORÂNEO
interpretar, conservar e transformar
14 a 17/10 | Pelotas | Rio Grande do Sul | Brasil **2025**

Arquitetura e oralidade: narrativas indígenas e a construção do lugar junto à comunidade Mbyá Guarani

Eixo Especial: Mitigar

SCHNEIDER SENER, Amanda

Mestranda em Estudos Sociais Latinoamericanos | Universidade de Buenos Aires | arq.amandasenger@gmail.com

PICCOLO, Tainá Letícia

Bacharelanda em Arquitetura e Urbanismo | Instituto Federal Farroupilha | taipiccolo@gmail.com

BUGS ANTOCHEVIZ, Fabiana

Doutora em Planejamento Urbano e Regional | Instituto Federal Farroupilha | fabianabugs@gmail.com

SENER, Valter Antônio

Mestre em Ensino Científico e Tecnológico | Instituto Federal Farroupilha | valter.senger@iffarroupilha.edu.br

Resumo

As práticas atuais de arquitetura e construção, difundidas no mundo moderno, em muito se distanciam dos saberes locais deixados como herança pelos povos originários, que buscam conexão com a natureza através de sua cosmovisão e utilização de materiais naturais em suas edificações. Diante disso, esta pesquisa propõe o resgate de conhecimentos e práticas ancestrais por meio de uma experiência colaborativa entre arquitetos e a comunidade indígena Mbyá Guarani, localizada no sul do Brasil, visando a elaboração de um projeto arquitetônico para um centro de apoio que qualifique a vida local, fortaleça e valorize a identidade cultural e contribua para a redução das desigualdades historicamente impostas a esses povos. O objetivo principal é a participação comunitária, desde a elaboração do programa de necessidades até execução da proposta, empregando técnicas construtivas exequíveis pelos usuários, de forma ativa, permitindo a autogestão do território. A metodologia adotada combina pesquisa bibliográfica, levantamento em campo e diálogo direto com a comunidade. Os resultados evidenciaram um forte envolvimento da comunidade, que participou ativamente de todas as etapas do processo. Foram identificadas tipologias construtivas e materiais tradicionais utilizados pelos moradores, reforçando a importância do diálogo entre saberes técnicos e ancestrais. A apresentação final do projeto foi bem recebida, demonstrando o potencial da metodologia adotada, que

se fundamenta na escuta e na oralidade, participação e valorização dos saberes locais, como um modelo replicável em outras comunidades indígenas.

Palavras-chave: arquitetura indígena; participação comunitária; saberes ancestrais; sustentabilidade; identidade cultural.

Architecture and orality: indigenous narratives and the construction of place within the Mbyá Guarani community

Abstract

The current practices of architecture and construction, disseminated in the modern world, are far removed from the local knowledge passed down as a heritage by indigenous peoples, who seek a connection with nature through their worldview and the use of natural materials in their buildings. In this context, this research proposes the revival of ancestral knowledge and practices through a collaborative experience between architects and the Mbyá Guarani indigenous community, located in southern Brazil, aiming to develop an architectural project for a support center that enhances local life, strengthens and values cultural identity, and contributes to reducing the inequalities historically imposed on these peoples. The main objective is community participation, from the development of the needs program to the execution of the proposal, using construction techniques feasible for the users, actively enabling the self-management of the territory. The adopted methodology combines bibliographic research, field survey, and direct dialogue with the community. The results highlighted strong community involvement, with active participation in all stages of the process. Constructive typologies and traditional materials used by the residents were identified, reinforcing the importance of dialogue between technical and ancestral knowledge. The final project presentation was well received, demonstrating the potential of the adopted methodology, based on listening and orality, participation, and the valorization of local knowledge, as a replicable model in other indigenous communities.

Key words: indigenous architecture; community participation; ancestral knowledge; sustainability; cultural identity.

Arquitectura y oralidad: narrativas indígenas y la construcción de lugar en la comunidad Mbyá Guaraní

Resumen

Las prácticas actuales de arquitectura y construcción, difundidas en el mundo moderno, se alejan en gran medida de los saberes locales dejados como herencia por los pueblos originarios, que buscan una conexión con la naturaleza a través de su cosmovisión y el uso de materiales naturales en sus edificaciones. Ante esto, esta investigación propone el

rescate de conocimientos y prácticas ancestrales mediante una experiencia colaborativa entre arquitectos y la comunidad indígena Mbyá Guaraní, ubicada en el sur de Brasil, con el objetivo de elaborar un proyecto arquitectónico para un centro de apoyo que cualifique la vida local, fortalezca y valore la identidad cultural, y contribuya a la reducción de las desigualdades históricamente impuestas a estos pueblos. El objetivo principal es la participación comunitaria, desde la elaboración del programa de necesidades hasta la ejecución de la propuesta, empleando técnicas constructivas viables para los usuarios, de manera activa, permitiendo la autogestión del territorio. La metodología adoptada combina investigación bibliográfica, levantamiento de campo y diálogo directo con la comunidad. Los resultados evidenciaron una fuerte participación de la comunidad, que participó activamente en todas las etapas del proceso. Se identificaron tipologías constructivas y materiales tradicionales utilizados por los habitantes, reforzando la importancia del diálogo entre saberes técnicos y ancestrales. La presentación final del proyecto fue bien recibida, demostrando el potencial de la metodología adoptada, que se fundamenta en la escucha y la oralidad, la participación y la valorización de los saberes locales, como un modelo replicable en otras comunidades indígenas.

Palabras clave: arquitectura indígena; participación comunitaria; conocimientos ancestrales; sostenibilidad; identidad cultural.

1. Introdução/Introduction/Introducción

A constituição pluriétnica do Brasil, embora rica em diversidade cultural, enfrenta desafios na valorização e respeito às múltiplas identidades. Para os povos indígenas como os Guarani, a demarcação de terras vai além de uma questão legal, sendo vital para a preservação da sua identidade, a conexão com o território e a continuidade de práticas culturais ligadas à terra. Nesse contexto, valores como a coletividade, espiritualidade e relação com a natureza são centrais. Os Guarani se dividem em quatro etnias – Mbyá, Kaiowá, Nandeva e Ache-Guayakí – compartilham similaridades culturais, ainda que variem na língua, práticas religiosas e técnicas produtivas (Souza; Victal; Bel, 2016).

Historicamente, o planejamento enquanto profissão, tem duas características principais, segundo Friedmann (1987): uma técnica, que utiliza dados quantitativos para identificar futuros cenários de intervenção, e uma política, ligada às visões do Estado para atender aos interesses públicos. No entanto, tem sido criticado por perpetuar desigualdades e falhar em atender demandas de comunidades vulneráveis, priorizando os interesses de proprietários de terra e investidores. Neste sentido, Souza (2010) aponta que mesmo modelos de planejamento urbano que se dizem participativos têm falhado em atender os interesses da população em geral, ao enfrentar problemas como: a descrença do público de que sua participação é relevante nas tomadas de decisão, linguagem técnica inacessível, o constrangimento do público leigo em dar sua opinião e a dificuldade de participação nos encontros presenciais.

Em contraste com a lógica tecnicista da sociedade contemporânea (Santos, 2006), os Guarani defendem processos colaborativos baseados na escuta ativa e na construção conjunta de políticas e projetos (Zanin, 2018). Essa escuta se conecta diretamente à oralidade, pois envolve a compreensão profunda dos saberes

ancestrais (Viveiros de Castro, 2015), através de soluções que promovem o diálogo intercultural.

Assim, a cocriação de projetos com comunidades indígenas têm a oralidade como um componente essencial, indo além do simples exercício de ouvir; ela implica uma escuta atenta, que observa cada detalhe apresentado pelos ensinamentos da outra cultura. Neste cenário, o planejamento urbano colaborativo surge como um processo que privilegia as tomadas de decisão de baixo para cima (*bottom-up*), envolvendo um aprendizado mútuo e a troca de experiências entre os envolvidos (Limonad, 2015). Tal modelo contrapõe o planejamento urbano tradicional, vinculado diretamente aos mecanismos do Estado através de processos verticalizados (*top-down*) que priorizam setores ligados ao capital financeiro.

Para os Guaranis, atribui-se à oralidade a capacidade de preservação e valorização dos saberes e práticas ancestrais. Assim, esta pesquisa propõe que proposta arquitetônica atenda as demandas da comunidade, promovendo a autogestão, a sustentabilidade do território e o fortalecimento da identidade cultural. A criação desta infraestrutura de apoio visa a construção de espaços acessíveis, não apenas para atender às demandas de saúde e educação, mas também para fortalecer as práticas culturais e assegurar a continuidade do modo de vida tradicional, além de gerar novas oportunidades econômicas, como o turismo e a comercialização de artesanatos, contribuindo para o fortalecimento da comunidade e para a redução das desigualdades históricas enfrentadas pelos indígenas.

2. Desenvolvimento/Development/Desarrollo

2.1 Contexto da área de intervenção - Aldeia Tekoa Pyaú/Context of the intervention area – Tekoa Pyaú Village/Contexto del área de intervención – Aldea Tekoa Pyaú

A aldeia Tekoa Pyaú, localizada na área rural de Santo Ângelo/RS, abriga indígenas da etnia Mbyá Guarani e possui quinze hectares adquiridos com verbas do Ministério Público do Trabalho e do Ministério Público Federal, em nome da Associação Indígena Guarani Tekoá Pyaú, em outubro de 2016 (Dezordi, 2016). A etapa inicial da pesquisa envolveu o levantamento do local, com foco nas edificações existentes. Em colaboração com o cacique Anildo e a comunidade, realizou-se o levantamento topográfico e imagens aéreas com drone, definindo a área de intervenção, situada no ponto mais alto da aldeia, com topografia plana (Figura 1), de fácil acesso, com vistas privilegiadas e sendo o principal ponto de chegada para visitantes, considerando aspectos como relevo, hidrografia e vegetação.

Figura 1: Área de intervenção - aldeia Tekoa Pyaú.



Fonte: SENGGER, 2022.

Com cerca de 70 habitantes, a aldeia é constituída por 36 crianças/adolescentes e 34 adultos, tendo como limite populacional 150 pessoas, após isto a comunidade se divide para preservar a subsistência e o modo de vida tradicional. A infraestrutura inclui áreas de plantio, chiqueiro e residências

unidimensionais, sem cômodos como cozinha, sala ou banheiros privativos. Um único banheiro coletivo atende toda a população. Há também uma edificação provisória que funciona como escola e um galpão aberto destinado a reuniões coletivas (Figura 2). A educação local acontece até o 5º ano, com transporte escolar para o ensino fundamental e médio em uma comunidade próxima.

Figura 2: Organização da infraestrutura da aldeia Tekoa Pyaú.



Fonte: SINGER, 2022.

2.2 Imersão em campo e participação comunitária/Field immersion and community participation/Inmersión en campo y participación comunitaria

A segunda etapa consistiu em visitas à aldeia para dialogar com a comunidade, constatando a falta de moradias e infraestrutura, especialmente de espaços coletivos essenciais à cultura Mbyá Guarani. As visitas incluíram conversas informais, entrevistas e dinâmicas práticas, permitindo que as demandas surgissem de forma espontânea. Essas interações foram fundamentais para elaborar um

programa de necessidades alinhado às expectativas da comunidade, considerando aspectos funcionais, materiais e estéticos conectados à sua cosmovisão.

Como a proposta inclui a implantação de uma escola, foi realizada uma atividade prática para entender a visão das crianças sobre esse espaço. Elas responderam à pergunta “o que a escola significa para você?” e também ilustraram sua “escola ideal”, revelando, de forma lúdica, a importância da escola em seu cotidiano. Antes de desenhar, lavaram as mãos na única torneira externa, buscaram materiais em casa e se reuniram em um monte de britas, onde os mais velhos ajudavam os mais novos com atenção e cuidado (Figuras 3 e 4).

Figura 3: Nuvem de palavras.



Fonte: SENER, 2022.

Figura 4: Crianças desenhando sua escola ideal.



Fonte: Autoria própria, 2022.

Analizando os resultados da dinâmica, todos retrataram escolas com telhado triangular, típico das construções da aldeia. Além disso, vários desenhos incluíram elementos da natureza, como grama e flores, refletindo a compreensão da integração do espaço com o ambiente natural, aspectos presentes em sua cultura (Figura 5).

Figura 5: Escola ideal da Vanessa.

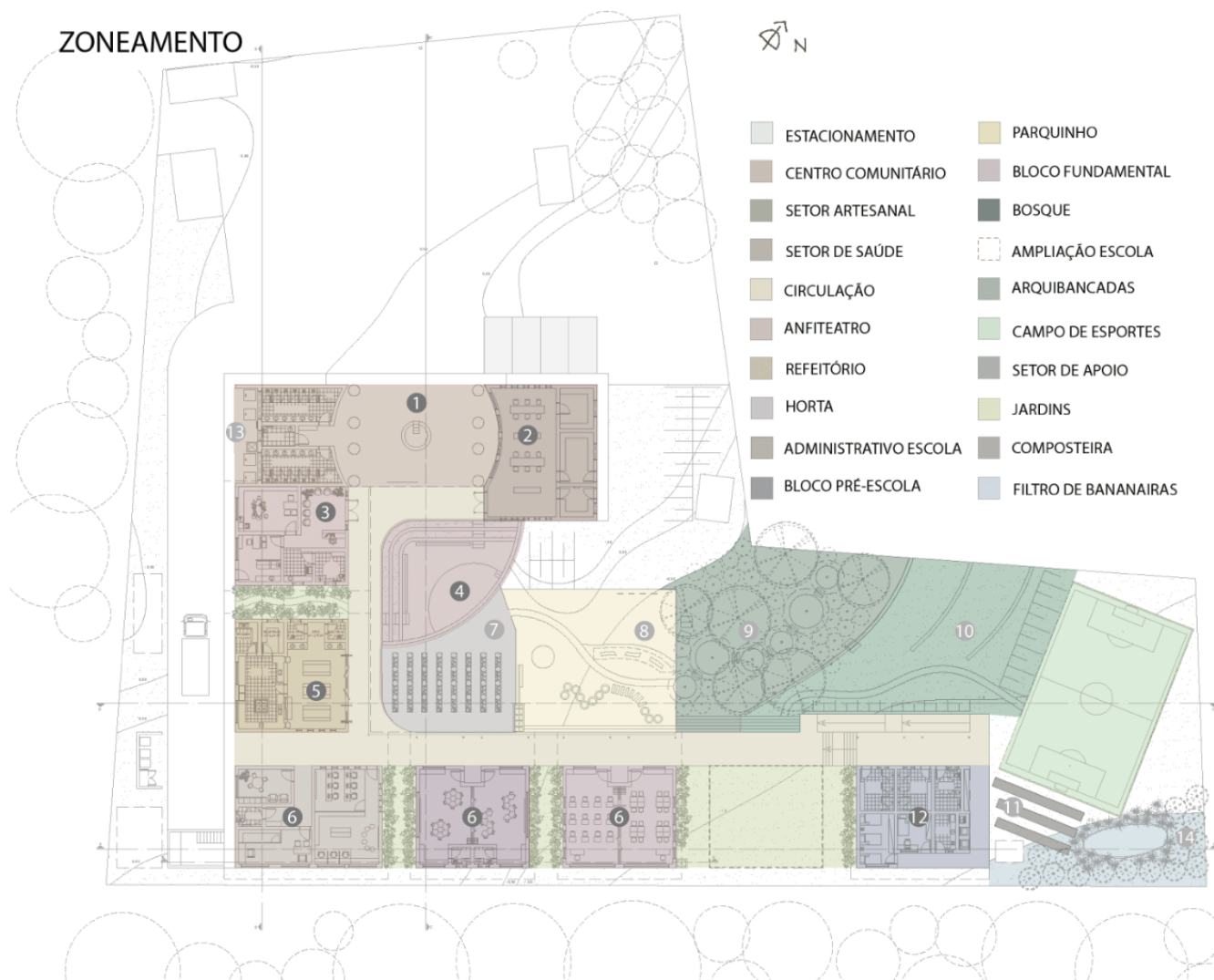


Fonte: SENGGER, 2022.

2.3 Desenvolvimento do projeto arquitetônico/Development of the architectural project/Desarrollo del proyecto arquitectónico

O projeto arquitetônico propõe blocos isolados, porém interligados, organizados em zonas (Figura 6), com o objetivo de oferecer uma infraestrutura de apoio que eleve a qualidade de vida dos moradores.

Figura 6: Zoneamento da proposta arquitetônica.



Fonte: Autoria própria, 2022.

O centro comunitário (01) é o espaço destinado às práticas culturais dos habitantes, onde são recebidos visitantes, expostos costumes e comercializado o artesanato local, fortalecendo a economia e preservando a cultura da aldeia. Em seu centro há um local para o tradicional fogo de chão, projetado em formato de

círculo, representando a ausência de hierarquia, onde todas as pessoas possuem o mesmo grau de importância. O espaço valoriza a oralidade nas rodas de mate e conversa, essenciais para a transmissão dos saberes Guarani, e conta ainda com banheiros secos de uso coletivo, suprimindo a ausência de sanitários nas residências.

O setor artesanal (02) é o local destinado para a produção das peças manuais, pensado para atender questões ligadas à saúde ocupacional (ergonomia), qualificado e organizado. Além do espaço de produção, também existem locais adequados para recepção e armazenamento da matéria-prima e dos produtos já finalizados. O setor de saúde (03) foi pensado especialmente para que a comunidade possa receber atendimento médico e odontológico básico, em espaço adequado, onde os profissionais tenham um ambiente propício para realizar seu trabalho.

O anfiteatro (04) funciona como uma extensão do centro comunitário, sendo o elo entre os demais espaços e ponto central de encontro. Destinado a apresentações culturais, é o local onde ocorre o intercâmbio entre visitantes e a comunidade, promovendo a imersão na cultura local. Além disso, pode ser utilizado para atividades escolares e práticas culturais internas da aldeia.

O refeitório (05) pode ser utilizado tanto pela escola quanto pela comunidade, em dias de festivos. Possui amplas portas de correr em seu fechamento que, quando abertas, conectam completamente o espaço interno à varanda formada pelo beiral da edificação com a horta, na parte externa.

A escola (06) de ensino infantil e fundamental é composta por dois blocos de salas de aula e um bloco administrativo, que inclui a biblioteca e a sala de informática, visando qualificar a educação das crianças e prepará-las para a continuação dos estudos. Ao lado do terceiro bloco escolar (quadrado tracejado), foi deixado um espaço vago para possível ampliação futura, incluindo um bloco para o ensino médio, com o objetivo de reduzir a defasagem escolar entre

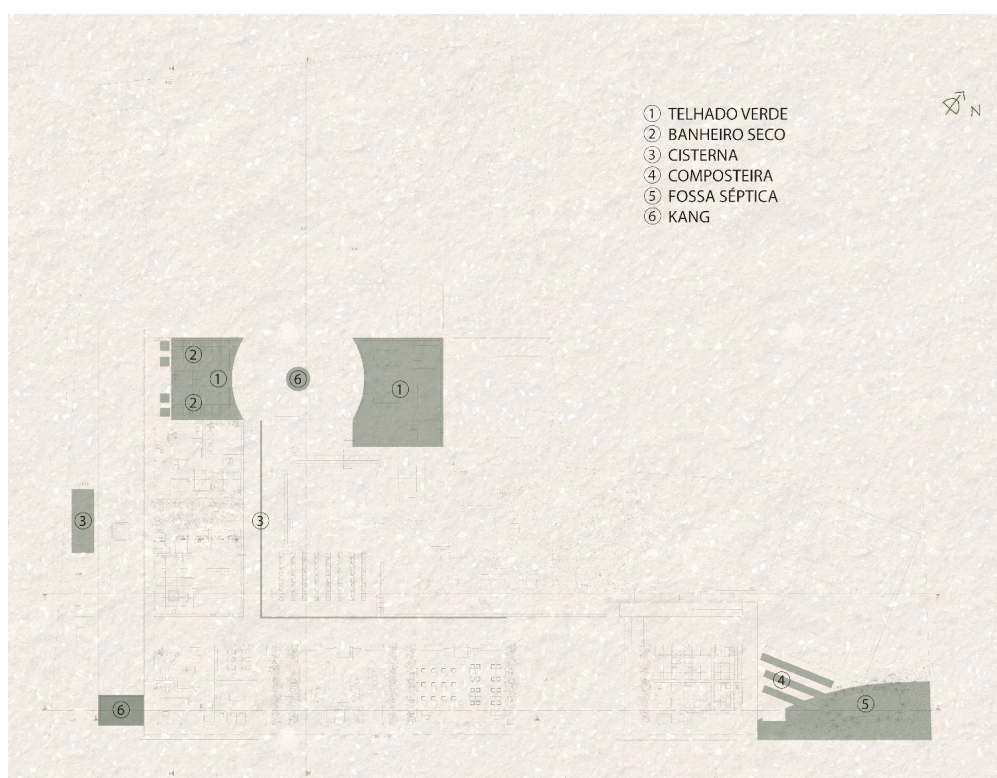
adolescentes indígenas, permitindo-lhes concluir os estudos e aumentar suas chances de ingresso na graduação.

A proposta também inclui diversas áreas externas voltadas ao aprendizado, lazer e sustentabilidade. Entre elas está a horta (07), integrada ao refeitório, onde as crianças aprendem sobre o plantio e consomem os alimentos que cultivam. O parquinho (08), destinado às brincadeiras infantis, enquanto o bosque sombreado (09) oferece um espaço para descanso. O campo de esportes (10) conta com uma área de arquibancadas, e a composteira (11) recebe os resíduos orgânicos do refeitório, transformando-os em adubo para a horta. O setor de apoio (12) complementa a estrutura com chuveiros de uso coletivo, que atendem tanto ao campo de esportes quanto às casas da comunidade, que não possuem esse recurso. Além disso, há dois dormitórios para visitantes e professores que eventualmente precisam pernoitar na aldeia devido às condições da estrada, bem como uma copa e uma lavanderia comunitária.

As estratégias sustentáveis (Figura 7) adotadas na proposta estão alinhadas com diversos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, promovendo um desenvolvimento integrado e consciente. A instalação de banheiros secos, filtros de bananeira e sistemas de compostagem contribui diretamente para o ODS 3 (Saúde e Bem-Estar), ao melhorar o saneamento e a qualidade de vida da comunidade. A horta educativa e o uso racional dos recursos naturais estão relacionados ao ODS 4 (Educação de Qualidade), incentivando práticas de aprendizado ativo e sustentável. A captação e reutilização da água da chuva por meio da cisterna, bem como o tratamento de águas cinzas, atendem ao ODS 6 (Água Potável e Saneamento), garantindo o uso eficiente dos recursos hídricos. O telhado verde, além de melhorar o conforto térmico, contribui para o ODS 7 (Energia Limpa e Acessível) ao reduzir a necessidade de consumo energético para climatização. A proposta, como um todo, promove comunidades mais resilientes e sustentáveis, alinhando-se ao ODS 11 (Cidades e Comunidades

Sustentáveis). Com o reaproveitamento de resíduos e o uso responsável dos recursos, também se atende ao ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis). Essas ações ainda reforçam o ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima), ao reduzir impactos ambientais, e o ODS 15 (Vida Terrestre), ao incentivar práticas que preservam o meio ambiente e os recursos naturais. Assim, a proposta fortalece uma abordagem sustentável, educativa e culturalmente respeitosa, em sintonia com os princípios globais de desenvolvimento sustentável.

Figura 7: Planta baixa de estratégias sustentáveis.



Fonte: Autoria própria, 2022.

Todo o processo arquitetônico foi desenvolvido com base na autogestão, em colaboração com os moradores da aldeia, desde o projeto até a escolha de materiais naturais e locais (Figura 8), como barro, palha, madeira, bambu e pedra. Técnicas construtivas tradicionais, como a taipa de pilão, também foram adotadas,

fortalecendo os saberes ancestrais e permitindo que a própria comunidade realize a construção e manutenção dos espaços de forma autônoma e coletiva.

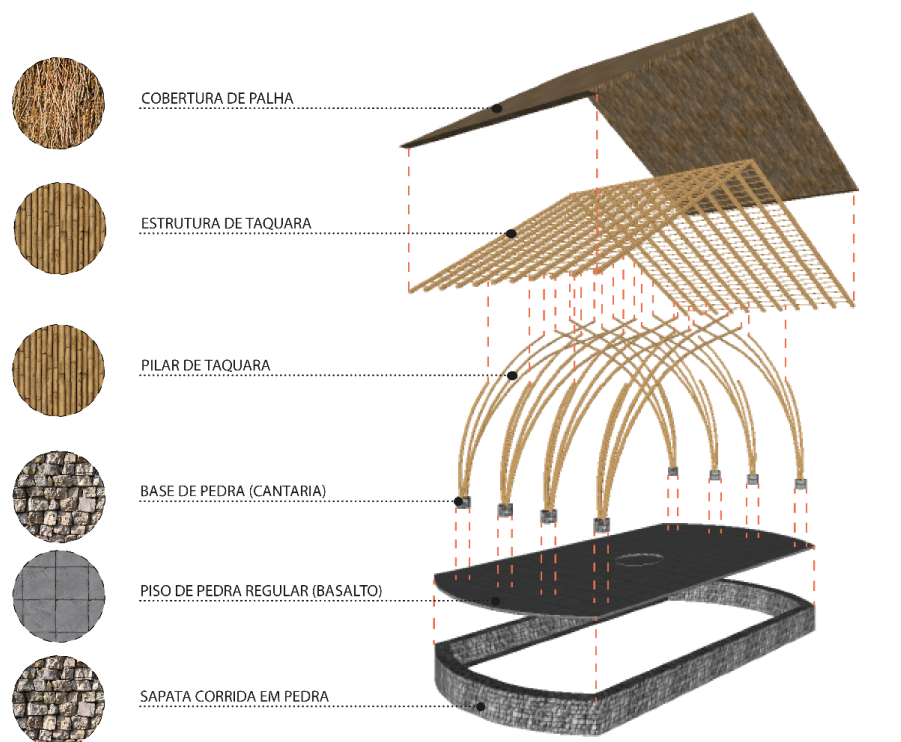
Figura 8: Integração da proposta, materialidade natural e técnicas de bioconstrução.



Fonte: Autoria própria, 2022.

A autogestão foi central na proposta, com os indígenas assumindo o protagonismo nas oficinas, sendo responsáveis pela organização e ensino das atividades. As edificações são compostas por materiais locais (Figura 9), reduzindo custos e promovendo o senso de pertencimento, e a estrutura modular permite a construção gradual, conforme a disponibilidade de recursos financeiros.

Figura 9: Esquema estrutural - centro comunitário.



Fonte: Autoria própria, 2022.

2.4 Apresentação para a comunidade/Presentation to the community/Presentación a la comunidad

Após finalizado, o projeto foi apresentado à comunidade com uso de imagens, linguagem simples e uma maquete física, facilitando o entendimento de todos, inclusive crianças e idosos. A apresentação ocorreu na aldeia (Figura 10), com a participação do cacique, que traduziu tudo para o Guarani, onde a comunidade demonstrou identificação com os espaços propostos, ressaltando a importância da participação coletiva desde o início para garantir o respeito à cultura e às necessidades locais.

Além disto, o projeto também foi apresentado para a Secretaria de Educação e Câmara de Vereadores de Santo Ângelo e doado para a Prefeitura

Municipal. Posteriormente, foi entregue ao Ministério dos Povos Indígenas, em Brasília, na intenção de recolher verbas para sua concretização.

Figura 11: Apresentação do projeto para a comunidade.



Fonte: Autoria própria, 2022.

4. Considerações finais/Final Considerations/Consideraciones Finales

A experiência desenvolvida junto à comunidade Mbyá Guarani reafirma a relevância de práticas arquitetônicas que se orientem pela escuta, oralidade e respeito às cosmovisões tradicionais. A metodologia empregada, centrada na coautoria e na valorização do território, demonstrou ser viável e essencial para a construção de espaços que expressam pertencimento, autonomia e dignidade. Em um contexto de apagamento sistemático das culturas indígenas, essa abordagem representa uma potente estratégia de resistência e valorização cultural, além de oferecer um modelo replicável em outros territórios indígenas e tradicionais.

5. Agradecimentos/Acknowledgments/Agradecimientos

Agradecemos principalmente ao povo Mbyá Guarani da aldeia Tekoa Pyaú, que nos receberam em seu espaço sempre de forma respeitosa e amigável e que nos permitiram desenvolver este trabalho dentro de sua tão sagrada terra. Ao cacique Anildo, que esteve sempre aberto às visitas em campo e que, com tranquilidade e paciência, respondeu a todos os questionamentos e intermediou diversas atividades propostas com o restante da comunidade. Estendemos os agradecimentos a todos que contribuíram com informações e apoio, incluindo indígenas, professores da escola indígena 7 Tava Mirim, educadores, profissionais, ONGs, a prefeitura de Santo Ângelo e os professores do IFFar campus Santa Rosa/RS.

6. Referências/References/Referencias

DEZORDI, Estelamaris. **Aqui plantamos uma semente:** o surgimento da Tekoa Pyaú em uma comunidade Mbyá estabelecida no município de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. 2016. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e inclusiva da universidade.** 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

FRIEDMANN, John. **Planning in the Public Domain: From Knowledge to Action.** Princeton: Princeton University Press, 1987.

LIMONAD, Ester. Muito além do jardim: planejamento ou urbanismo, do que estamos falando? In: COSTA, Geraldo M.; COSTA, Heloisa S. de M.; MONTE-MÓR, Roberto L. de M. **Teorias e práticas urbanas:** condições para a sociedade urbana. Belo Horizonte: C/Arte, 2015, p.71-102.

SENGER, Amanda Schneider. **TEKO: Abrigo Ancestral.** Proposta de Projeto Participativo de Infraestrutura de Apoio para Comunidade Indígena Tekoa Pyaú. 2022. 142f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, Instituto Federal Farroupilha, Santa Rosa, 2022. Orientadora: Fabiana Bugs Antochviz. Coorientador: Valter Antônio Senger.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade:** uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem: ensaios de antropologia cultural.** São Paulo: Cosac Naify, 2015.

ZANIN, Nauíra Zanardo. **Abrigo na natureza:** construção mbyá-guarani, sustentabilidade e intervenções externas. 2006. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ZANIN, Nauíra Zanardo. **Intervenções arquitetônicas junto a povos indígenas:** processo de projeto, apropriação e uso de ambientes escolares. 2018. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.